



JACQUELINE PENJON

“Não se pode dizer que a literatura brasileira traduzida tenha um grande número de leitores na França. Certos clichês – carnaval, futebol, violência urbana e exotismo – são difíceis de modificar”

De um jeito muito manso, ela começa a falar e logo tentamos adivinhar em que estado brasileiro terá nascido. O sotaque não denuncia a malemolência carioca nem a musicalidade nordestina, tampouco a veemência gaúcha. Paulistana, talvez? Certamente não. Natural da cidade francesa de Lyon, Jacqueline Penjon domina com tanta propriedade a língua portuguesa e, em especial, o idioma falado no Brasil, que até mesmo os ouvintes mais atentos poderiam facilmente confundi-la com uma brasileira nata.

A diretora do Centro de Pesquisas sobre os Países Lusófonos (CREPAL) da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 desde 1998 e professora de Língua, Literatura e Civilização Brasileiras da mesma instituição aportou no Brasil pela primeira vez na década de 1970. Nenhum outro laço a prendia ao país a não ser a paixão pela literatura brasileira, responsável por sua vinda a São Paulo para um intercâmbio de mestrado na USP. A experiência viria a ser tão marcante que não tardaria para que ela se tornasse uma das maiores brasilianistas em atuação no meio acadêmico na Europa.

Foi justamente o reconhecimento do CREPAL como centro de referência em estudos literários brasileiros na França que me fez trilhar, em 2009, o percurso inverso de Jacqueline. Durante um ano de estágio doutoral na Paris 3, fiz parte do grupo de pesquisas da professora, que recebe com a mesma atenção e amabilidade

de cerca de três doutorandos e dois pós-doutorandos anualmente, originários de diversas universidades brasileiras, em programas de intercâmbio.

Nesta entrevista, Jacqueline discorre sobre o trabalho realizado à frente do CREPAL na árdua missão de despertar e reter o interesse dos estudantes de ensino superior na França pela língua e literatura lusófonas. Ela traça ainda um panorama da presença literária brasileira em solo francês desde a publicação das primeiras traduções até os dias de hoje, em que verifica um interesse das editoras também pelos autores contemporâneos, e faz um apelo ao governo brasileiro por uma efetiva e constante divulgação da literatura brasileira no exterior.

Agnes Rissardo*

Criado oficialmente em 1994, o Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (Centro de Pesquisas sobre os Países Lusófonos) – CREPAL, da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris III, pode ser considerado o maior grupo de pesquisas sobre língua, literatura e cultura de expressão lusófona da França. Quais foram os idealizadores e de que maneira surgiu o CREPAL?

O professor universitário tem três obrigações: o ensino, a pesquisa e a administração. Portanto, existia pesquisa sobre os países lusófonos na Sorbonne Nouvelle antes de 1994. É preciso lembrar que a denominação Sorbonne Nouvelle – Paris 3 data de 1970, sendo emanção da Université de Paris, que a partir de 1919 teve um curso de língua e literatura portuguesa e, a partir de 1922, um curso

* Jornalista e doutora em Literatura Brasileira (UFRJ).

de literatura brasileira. Esse Institut d'Études Portugaises et Brésiliennes tinha uma biblioteca, agora biblioteca de pesquisa ligada ao CREPAL. Tradicionalmente, as estruturas universitárias reúnem os departamentos de espanhol e de português (Études ibériques et latino-américaines), e a pesquisa se desenvolvia no Groupe de recherche sur Idéologies, Mentalités et Systèmes de représentations dans les pays de langue espagnole et portugaise (GRIMESREP), dirigido pelo professor Agustín Redondo. Graças ao empenho do professor Georges Boisvert (aposentado em 1993), da separação com o GRIMESREP nasceu, em 1992, o Grupo de Pesquisa sobre os Países Lusófonos, que, com os esforços da professora Anne-Marie Quint (aposentada em 2000), foi reconhecido oficialmente em 1994 pelo Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche sob o nome Centro de Pesquisa sobre os Países Lusófonos (CREPAL). O Centro é composto por professores do departamento de estudos portugueses e brasileiros, dos doutorandos, de alguns mestrandos (só os de segundo ano) e de pesquisadores associados. Mantém uma revista temática anual, *Les Cahiers du Crepal* (está no número 17), que lhe dá uma boa visibilidade. Dentro de alguns meses ela estará disponível no endereço www.revues.org (com uma diferença de dois anos entre a versão eletrônica e a versão em papel).

*Quais são as principais atividades e eventos promovidos pelo CREPAL?
Que linhas de pesquisa desenvolveu ou desenvolve?*

O CREPAL organiza colóquios internacionais, exposições, conferências, mesas-redondas e, uma vez por ano, uma jornada de estudos na qual os pesquisadores e doutorandos apresentam seus trabalhos, que vão alimentar a revista (em função da linha de pesquisa

em vigência). Como exemplos de colóquios, em 2002 tivemos um intitulado *Jorge Amado* (em parceria com a Universidade de Paris 8); em 2004, *Lisbonne, atelier du lusitanisme français*; em 2005, Ano do Brasil na França, *La formation du roman au Brésil*; em 2008 (em parceria com a Embaixada do Brasil), *Lire Machado de Assis e Paysages urbains du monde lusophone*. Em junho de 2010 tivemos o colóquio *La fête dans le monde lusophone: le carnaval et son cortège* e, em dezembro, *Tendances de la littérature brésilienne contemporaine: auteurs et critiques*. Em 2011, já realizamos os colóquios *Agustina Bessa-Luís: “audaces et défigurations”* e *L’animal dans le monde lusophone: du réel à l’imaginaire*, em parceria com o Museu de História Natural e a Fundação Calouste Gulbenkian. Como exemplo de exposição, posso citar a recente *Travessias – le chemin du fleuve et la piste des troupeaux – Essai visuel sur l’univers de Guimarães Rosa*, com fotografias de Roger H. Sasaki e a conferência de Juliana Simonetti, autora de *Travessia: reportagem sobre o sertão de Guimarães Rosa*. Como exemplo de mesa-redonda, em março de 2011 promovemos uma intitulada *Academia Brasileira de Letras – Matinée littéraire – Rencontre avec deux écrivains brésiliens: Ana Maria Machado et João Ubaldo Ribeiro*.

Sempre tivemos linhas de pesquisa desenvolvidas sob vários ângulos, já que o Centro conta com especialistas em literatura, linguística e civilização: Modelos e inovações; A cidade (na história e no imaginário); O conto; A literatura epistolar; O excesso; A paisagem e, atualmente, estamos trabalhando sobre *A festa*.

Falando em termos de porcentagem, qual a parcela de estudantes franceses participantes do CREPAL em relação aos estudantes oriundos de países lusófonos? Dessa porcentagem de franceses, o que leva esses

estudantes a se interessarem pelo estudo da língua portuguesa e de suas literaturas? E, de um modo geral, as escolhas recaem mais sobre Brasil, Portugal ou países africanos?

A metade dos doutorandos e mestrados que participam do CREPAL tem a nacionalidade francesa, mas dessa metade muitos pertencem à terceira geração de portugueses radicados na França. A porcentagem de franceses sem nenhuma ligação com países lusófonos é mínima, apesar do grande interesse pelo Brasil, sobretudo depois do Ano do Brasil na França, que multiplicou a demanda de cursos de língua na modalidade brasileira. Mas trata-se de cursos eletivos e os estudantes não chegam à pós-graduação em português. É um círculo vicioso, o português não existe em todas as universidades e está muito limitado ao ensino médio (nem há atualmente concurso para recrutamento de professores e um concurso para professor doutor na universidade está também se tornando uma raridade). Ora, um jovem doutor tem como objetivo número um o magistério, apesar dos esforços conjuntos com a École Doctorale para mostrar que podem se encaminhar também para outros setores.

Que ações são empreendidas pelo CREPAL no sentido de atrair a atenção dos estudantes franceses?

Os eventos organizados pelo CREPAL têm uma boa divulgação por vários meios, como o site da universidade (<http://www.univ-paris3.fr/>) e, quando o assunto diz respeito ao país, o boletim cultural da Embaixada do Brasil. As exposições são feitas em locais estratégicos, frequentados por muitos estudantes. Sempre é proveitosa uma parceria com outros departamentos: para novembro estamos

montando um colóquio em homenagem a Glauber Rocha com o Departamento de Cinema.

Como vê o intercâmbio de estudantes brasileiros e franceses? E, em relação aos estudantes e pesquisadores brasileiros, quantos deles o CREPAL recebe por ano? Qual o perfil desses brasileiros visitantes e o que buscam ao realizarem suas pesquisas na França?

O intercâmbio, a meu ver, é fundamental e indispensável para um bom conhecimento da língua e da civilização do país. O programa Erasmus desenvolveu bastante esses intercâmbios na Europa. Com o Brasil torna-se mais limitado, por causa da distância e da despesa. Contudo, tenho dois mestrados que, graças ao programa Erasmus Mundus, vão poder passar o próximo semestre na UFRJ. Para pesquisas pontuais, os doutorandos conseguem ajuda financeira com o programa Aires Culturelles. As teses em cotutela (dupla titulação) são cada vez mais frequentes e permitem uma permanência de alguns meses nos dois países. Os convênios entre universidades facilitam esse intercâmbio. E acho que o sistema de bolsa sanduíche, para um doutorando brasileiro, é excelente. O CREPAL recebe em média três doutorandos e dois pós-doutorandos por ano, originários de diversas universidades (USP, Unicamp, PUC-SP, PUC-RS, UFRGS, UFMG, UFG, Unemat, PUC-RIO, UFF, UFRJ, UERJ, entre outras). As pesquisas realizadas acompanham o aprofundamento de uma temática ligada à cultura francesa ou a um movimento literário e buscam uma bibliografia especializada difícil de encontrar no Brasil. Atualmente, várias pesquisas vêm sendo feitas em torno da escrita do eu e da autoficção, por exemplo.

O CREPAL está inserido na Escola Doutoral Europa Latina – América Latina da Universidade Paris III. Porém, apesar da posição geográfica do Brasil, a literatura brasileira não se encaixa no mesmo grupo que estuda a literatura latino-americana e sim no grupo que pesquisa a lusofonia. Tal divisão chama a atenção para o fato de que, por força da língua, o Brasil estaria muito mais próximo de Portugal e dos países lusófonos africanos do que de nossos vizinhos sul-americanos. Numa abordagem comparativa, como vê a literatura brasileira em relação à literatura dos outros países de língua portuguesa? E de que forma avalia a literatura brasileira no contexto da América Latina?

Nossas estruturas reúnem os países em função da língua, da área cultural, o que facilita para os programas de graduação, entre outros. A pesquisa permite uma outra abordagem, por exemplo temática: as literaturas brasileira e sul-americana podem encontrar pontos em comum nos problemas urbanos, nas megalópoles, na Amazônia, no exílio, ou em gêneros específicos, como o maravilhoso, e no diálogo entre autores (Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa, por exemplo). A teoria e a crítica se completam (Ricardo Piglia, Beatriz Sarlo etc.). A literatura dos países lusófonos africanos ainda é jovem, mas há inúmeros pontos de contato com a literatura brasileira: penso, por exemplo, num João Guimarães Rosa e no moçambicano Mia Couto ou no angolano José Luandino Vieira, num Jorge Amado e num Graciliano Ramos e autores de Cabo Verde. Quanto à literatura portuguesa, seu conhecimento permite entender melhor a literatura brasileira dos séculos passados, suas ligações (modernismo) e uma certa interação.

Embora seu trabalho à frente do CREPAL englobe o estudo e a promoção da língua e da literatura de todos os países lusófonos, sua fala denota a pronúncia do português brasileiro, o que sugere uma afetividade e proximidade maior com o Brasil do que com outros países de língua portuguesa. Como surgiu seu interesse pelo país, levando-a a dominar tão bem o idioma e a se tornar uma brasilianista?

Sou justamente um produto do intercâmbio e, de certa maneira, dos cursos eletivos. Minha formação foi inicialmente em língua, literatura espanhola e latino-americana, com um certificado opcional de filologia portuguesa. Para o mestrado, escolhi um autor brasileiro (era possível na época, embora a graduação fosse em espanhol) e ganhei uma bolsa da Reitoria da Universidade de São Paulo. Fiquei dez meses na USP, meses que transformaram minha vida. De volta à França, abandonei o espanhol, preparei uma segunda graduação em português, que existia apenas nas universidades de Poitiers, com o professor Raymond Cantel, e de Paris, com o professor Léon Bourdon, e resolvi me dedicar à língua, literatura e civilização brasileira.

Durante a década de 1970, você foi professora de francês da Aliança Francesa de São Paulo e, posteriormente, professora assistente da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Unesp de Marília (SP). Como foi a experiência de morar no Brasil durante três anos, e em plena ditadura militar? Que impressões guarda do país e do povo brasileiro daquela época? E como é sua relação com o país atualmente?

Depois da dupla graduação e do mestrado, quis começar um doutorado em literatura brasileira. Voltei a São Paulo para utilizar os seis

meses de bolsa que ainda tinha – prorrogação que me fora concedida pela Reitoria da USP. A seguir, ganhei uma ajuda do Instituto de Estudos Brasileiros para continuar mais quatro meses. Dava também aulas de francês na Aliança Francesa da General Jardim, onde tive duas turmas. Como queria ficar mais tempo no Brasil, fiz um concurso para assistente de francês (tempo parcial) na Unesp, na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Marília (tempos depois as letras foram transferidas para Assis). Foi um contrato de dois anos. Continuava morando em São Paulo, viajando toda semana e ao mesmo tempo trabalhava como tradutora numa firma que organizava feiras e exposições internacionais, e mais tarde numa empresa franco-brasileira. Foi um período extremamente rico e interessante, mas, como pode imaginar, não sobrava muito tempo para pesquisas em biblioteca. Para mim tudo era diferente, tive a impressão de que imensas possibilidades se abriam apesar das restrições à liberdade de opinião: descobri que em qualquer momento uma pessoa podia mudar de profissão ou recomeçar a estudar, que existia um futuro. Além disso, as aulas à noite na faculdade eram uma novidade para mim. O que me impressionou foi a capacidade de trabalho dos jovens, de trabalhar durante o dia, estudar à noite e ainda enfrentar sérios problemas de transporte. O povo era (e continua sendo) extremamente acolhedor, existia muita solidariedade pelo menos no meio que conheci. Continuo achando que o Brasil é um país maravilhoso.

Machado de Assis é traduzido para o francês desde 1910. Já as obras dos modernistas Mário e Oswald de Andrade somente foram publicadas no idioma de Flaubert e Balzac na década de 1980. No entanto, nenhum desses autores, canônicos no Brasil, parece ter conquistado o interesse

do público francês, ao contrário de Jorge Amado, que teve quase toda sua obra traduzida para o francês e continua sendo um dos autores brasileiros mais lidos na França. De que maneira a literatura brasileira é recebida no país? Quais são os autores brasileiros mais generosamente acolhidos pelos franceses? E como definiria o perfil do leitor francês de literatura brasileira?

Lembra do soneto “Língua portuguesa”, em que Bilac qualifica essa “última flor do Lácio” de “esplendor e sepultura”, de “desconhecida e obscura”? Acho que a recepção da literatura passa pelo conhecimento da língua. Eça de Queiroz, diplomata em Paris, tinha consciência de que escrever em português impedia um reconhecimento como escritor. A língua portuguesa entrou no ensino médio francês apenas na década de 1970. A tradução de Machado de Assis em 1910 corresponde a uma manifestação isolada, o autor seria descoberto realmente na França na década de 1980. Editar um autor estrangeiro significa ter agentes literários, leitores especializados, “mediadores” e um público. A recepção da literatura é tributária da imagem que o leitor tem do Brasil. A França, na Terceira República, vê o Brasil como um “irmão latino” e pratica a conhecida ideologia do mesmo, o que explica que um autor como Machado seja homenageado (conferências na Sorbonne em 1908, por exemplo), mas não lido.

Nos anos de 1930, houve uma mudança cultural com o papel reservado à antropologia, à etnologia, à psicanálise, e o Brasil já não era mais um duplo da França, o que interessava era a diferença, o lado exótico. O romance da década de trinta, a literatura do Nordeste e Jorge Amado correspondem à expectativa do público francês. Mas não há só Jorge Amado: uma autora com obra inteiramente

traduzida e lida é Clarice Lispector, que encontrou na literatura feminista e na pessoa de Hélène Cixous um verdadeiro passeur. Na literatura contemporânea, são bem acolhidos autores como Milton Hatoum – a Amazônia continua sendo uma região predileta para o imaginário francês –, mas também autores da violência urbana (Rubem Fonseca e Paulo Lins, entre outros) ou autores como Chico Buarque de Holanda e Bernardo Carvalho. A poesia é pouco lida (revistas, livros) tanto em francês como em tradução, embora existam traduções de Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst e Ana Cristina Cesar, entre outros poetas. No teatro, Nelson Rodrigues é o mais conhecido, várias peças já foram montadas na tradução francesa de Ângela Leite Lopes. Acho difícil definir o perfil do leitor francês de literatura brasileira sem pesquisa sociológica (a única que foi feita data dos anos de 1980). Atualmente, ao lado do leitor universitário, temos alguns curiosos das letras brasileiras. O leitor “grande público” por excelência é o leitor de Paulo Coelho, que é um autor “desterritorializado”, não tem nada de brasileiro.

Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, Macunaíma, de Mário de Andrade, e a poesia de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira são exemplos de obras já traduzidas para a língua francesa que, no entanto, oferecem grande complexidade ao exercício da tradução. Como avalia essas e outras traduções de literatura brasileira para o francês?

Traduzir a poesia é um exercício difícil, mais do que a prosa de maneira geral. Porém, autores como Guimarães Rosa ou Mário de Andrade em Macunaíma fogem à regra. Tivemos duas traduções de Grande sertão: veredas num espaço de vinte anos. A primeira não

tinha captado o tom da fala de Riobaldo e a segunda frequentemente deixa de lado o aspecto poético, a musicalidade da língua e as aliterações, entre outros fatores. No entanto, a tradução dessa obra não pode ser feita com os contratos de tempo reduzido que as editoras exigem ou então é trabalho para uma equipe. Macunaíma já foi traduzido em outras condições, por paixão: o tradutor levou anos (só procurou um editor depois) e fez uma maravilhosa “recriação” do texto. Esse mesmo tradutor ganhou um prêmio com a tradução de “Meu tio, o Iauaretê”, de Guimarães Rosa. Creio que não há texto mais difícil!

Que sugestões faria ao governo brasileiro para divulgar nossa literatura no exterior?

A primeira sugestão seria um apoio ao ensino da língua portuguesa no exterior: o governo brasileiro poderia contribuir ao seu desenvolvimento sobretudo no ensino médio. A língua é a base de tudo, tanto para relações comerciais como culturais. Um primeiro “contato linguístico” pode despertar a curiosidade pelas letras e incentivar a leitura. A segunda sugestão seria uma “presença brasileira” sistemática em eventos como o Salão do Livro em Paris (em março) e não apenas em datas-chave. Por exemplo, em 1998 o Brasil foi convidado de honra. Foi um sucesso, mas já no ano seguinte todos notaram a ausência do país. Falta continuidade aos projetos. A terceira seria um apoio à tradução em si (financiamento, prêmio, entre outros) não esporádico (em 1998, o MinC ajudou na publicação de um livro de “novelas contemporâneas” traduzidas).

Que paralelo traçaria entre a inserção de nossa literatura na França durante o período de regime militar e agora?

Durante o regime militar, o número de obras traduzidas para o francês (literatura e ciências humanas) começou a aumentar, conforme a tendência iniciada a partir dos anos de 1930.

É por intermédio da tradução que se cria a imagem literária de um país no exterior, mas a tradução não deixa de ser uma atividade econômica ligada à rentabilidade: economia, política e cultura permanecem estreitamente unidas. No período 1964-1985, a imagem do Brasil na França tornou-se mais sombria, apesar do “milagre brasileiro”, e ganhou em complexidade (obras de Leonardo Boff, Márcio Moreira Alves, entre outros), com obras literárias diversificadas, nas quais predomina uma visão algo exótica e idílica do Brasil e reina a alegria de viver (Jorge Amado teve doze livros traduzidos, entre os quais *Dona Flor*, *Gabriela* e *Tenda dos milagres*), ao lado de autores como João Guimarães Rosa (*Grande sertão: veredas*), Oswald de Andrade (*Memórias sentimentais de João Miramar*), Mário de Andrade (*Macunaíma*), Raduan Nassar (*Lavoura arcaica*, *Um copo de cólera*), Rubem Fonseca (*O caso Morel*), Raquel de Queirós (*João Miguel*, *Dora*, *Doralina*), entre outras obras. Não vou citar todas as traduções, mas as estatísticas dizem que, nesse período, 256 títulos foram publicados (consideradas todas as áreas).

Não podemos esquecer que 1979 foi o ano de criação da Editora Anne-Marie Métailié, que em 1983 lançou uma nova tradução de *Dom Casmurro*. Ela mantém hoje uma coleção de literatura portuguesa e outra de literatura brasileira.

De 1985 até agora, o número de traduções triplicou, mas infelizmente isso não quer dizer que a literatura brasileira conheça um

boom latino-americano, como ocorrera com a literatura de língua espanhola. Sempre há o problema das tiragens (geralmente, entre 1.500 e 3.000 exemplares), das vendas, da recepção e da repercussão do livro. Essa complexidade já foi evocada por Pascale Casanova (*La République Mondiale des Lettres*, 1999) e Gisèle Sapiro (*Translatio*, 2008). Como se sabe, as línguas do mundo constituem um sistema hierarquizado, ou seja, as relações literárias internacionais correspondem a relações de poder entre literaturas dominantes e dominadas.

Com relação à literatura contemporânea brasileira, que obras efetivamente chegam ao mercado francês? E quais vêm despertando maior interesse dentro e fora do meio acadêmico?

O Centro Nacional do Livro francês (CNL), ligado ao Ministério da Cultura, subsidia a tradução de várias obras. A leitura dos balanços dos últimos cinco anos publicados por esse órgão mostra que a ajuda para o mundo anglófono é trinta vezes maior do que para o mundo lusófono.

A escolha dos livros publicados depende muito dos agentes literários, da sensibilidade e dos coups de cœur dos editores. Por exemplo, Anne-Marie Métaillé com Luiz Ruffato (*Eles eram muitos cavalos*).

Entre as traduções mais recentes, podemos lembrar Maria Valéria Rezende (*O voo da guará vermelha*), Rubem Fonseca, Paulo Lins, Cristóvão Tezza, Fernando Bonassi, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho, Chico Buarque de Holanda, Daniel Galera, Alberto Mussa, entre outros.

De que modo você e outros especialistas em literatura brasileira têm trabalhado para difundi-la?

O trabalho na universidade consiste em dar para os alunos uma outra visão da literatura, sem os clichês, e despertar neles o interesse pela leitura, além de fomentar eventos com a presença de escritores. Por exemplo, em novembro próximo teremos na Sorbonne um evento ligado à Europália: “As representações do Brasil moderno”, organizado pelo CREPAL, pela curadora Flora Sússekind e pela professora Vera Lins (UFRJ), com a participação de vários escritores e professores universitários.

Que impacto tiveram eventos oficiais como o Ano do Brasil na França (2005), na divulgação da literatura brasileira em solo francês? Houve aumento significativo no número de publicações traduzidas tanto de autores já conhecidos quanto de autores debutantes?

Vários eventos oficiais tiveram um impacto na divulgação da literatura brasileira. Em dezembro de 1986, um importante colóquio, Les Images Réciproques France-Brésil, foi organizado por Solange Parvaux e Jean Revel Mouroz no Senado francês, reunindo tradutores, universitários e editores. Marcava o início de um programa de relações França-Brasil. Em 1987, tivemos o Les Belles Étrangères, evento que trouxe um grande número de escritores. Depois, houve o Salão do Livro de 1998, em que o Brasil foi convidado de honra, e o Ano do Brasil na França, em 2005. Sem dúvida, devemos também levar em consideração a projeção do Brasil no exterior com o presidente Lula.

Mas nem por isso podemos dizer que a literatura brasileira traduzida tenha um grande número de leitores. Não é pela presença de uma crítica favorável nos suplementos literários dos principais jornais franceses (*Le Monde*, *Libération*, *Le Figaro*, *La Croix*) ou no *Magazine Littéraire* que as vendas de livros brasileiros vão aumentar (há pouquíssimas resenhas, aliás, sobre essa literatura). Por outro lado, certos clichês – carnaval, futebol, violência urbana, exotismo – são difíceis de modificar. Talvez possamos dizer que o leitor de livro estrangeiro procura algo diferente dele, como os romances de Jorge Amado, e não o reflexo dele mesmo, como o romance psicológico de Machado de Assis.

Fale de suas preferências pessoais: do que mais gosta na literatura brasileira contemporânea? Quais os temas, obras e autores de sua predileção e aqueles a que mais se dedicou?

Na literatura contemporânea, há muitos escritores interessantes de quem gosto muito, mas não posso citar todos: Modesto Carone (*Resumo de Ana*), Zulmira Ribeiro Tavares (*Jóias de família*), Godofredo de Oliveira Neto, João Paulo Cuenca (*O único final feliz para uma história de amor é um acidente*), Beatriz Bracher (*Antonio*), Amílcar Bettega, Edla van Steen. Nestes últimos tempos, trabalhei principalmente *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, e *Leite derramado*, de Chico Buarque.

Como vê o atual momento da literatura francesa?

O panorama francês não se assemelha ao brasileiro. As preocupações dos escritores são outras. Ao lado de um Le Clézio, por exem-

plo, ou de um Yan Quéffelec, ou ainda de um Michel Houellebecq, encontramos uma Murielle Barbery (*L'Élégance du hérisson*) – já traduzido para o português –, uma Annie Ernaux (*L'Autre fille*), um Antoine Volodine, entre outros, que procuram renovar as perspectivas. Não podemos deixar de lado o sucesso de livraria de Fred Vargas, no romance policial.

